

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***DEUSDETE SOARES***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e Memória das Comunidades de Manguinhos

Entrevistada - Deusdete Soares (DS)

Entrevistadores – Tânia Fernandes (TF)

Data – 02/06/2004

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração –40min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SOARES, Deusdete. *Deusdete Soares. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória das comunidades de Manguinhos*, 2004. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 30p.

Data: 02/06/2004

### **Fita 1 - Lado A**

TF – Entrevista com d. Deusdete Soares Silva no dia 2 de junho de 2004, para o projeto Memória de Manguinhos. Entrevistada por Tânia e a equipe. D. Deusdete, a gente está aqui pra conversar com a senhora sobre a história de Manguinhos. Então eu queria que a senhora fizesse um passeio pra gente desde que a senhora veio pra cá, como é que a senhora vê isso aqui, como é que foi a sua vida, seu marido, netos...

DS – Meu marido morreu tem seis anos.

TF – É? Mas e antes? A senhora veio pra cá morar com ele?

DS – Ah, vim com ele... vim pra aqui em 57.

TF – E a senhora veio pra cá... Como é que era aqui quando a senhora veio?

DS – Aqui era... isso aqui foi aterrado pra poder a gente ‘vim’ embora pra aqui.

TF – A senhora veio de onde?

DS – Do Caju.

TF – Como é que era lá e como é que...?

DS – Como era lá... lá era ali... perto do cais do porto, né? Morava lá. De lá foi...é...transferiram pra aqui.

TF – Mas foi remoção do Estado?

DS – Remoção. Não, remoção foi do Estado sim. Aí eles botaram a gente pra aqui, tudo barraco naquela época. Era tudo barraco.

TF – Mas foram vocês que construíram ou foi...?

DS – Foi a gente mesmo foi... ninguém fez nada.

TF – Como é que foi essa história? Conta pra gente direitinho.

DS – Ah, aí foi... foi... depois... há pouco, três anos, começou a fazer casa, cada um fazendo suas ‘casinha’ até terminar. Quase tudo aqui era casa, né? Tem poucos ‘barraco’.

TF – Mas como é que tiraram a senhora de lá? Não entendi essa história.

DS – Não, tiraram porque precisava de terreno.

TF – Ham. Mas mandaram vocês saírem.

DS – Não, ele... eles trouxeram a gente. Aí precisava de terreno, aí arrumaram esse lugar aqui e aí trouxeram a gente pra aqui. Fizeram barraco e trouxeram a gente pra cá.

TF – Ah, então eles fizeram barraco!

DS – Eles fizeram, é.

TF – E o barraco era de quê?

DS – Era de madeira.

TF – De madeira. Como é que era? Era pequeno?

DS – Não, era dois quartos, sala, cozinha e banheiro.

TF – E aí o chão era de quê?

DS – O chão era chão mesmo! Era... de terra.

TF – Mas era palafita?

DS – Não.

TF – Como é que era lá fora?

DS – Não, lá fora passava um rio ali. Ali naquela rua, lá... naquela frente, passava uma... um... um rio.

TF – Que rio era?

DS – Esse que passa lá. Agora, naquela ponte ali, passava aqui. Eles tiraram daqui, passaram o rio pra lá e botaram casa pra aqui. Depois que eu vim morar aqui que eles fizeram essa... Eu... a minha casa, o meu quintal era até aquela casa lá. Aí depois eles pe... aterraram aquilo tudo e fizeram.

TF – E isso foi quando? A senhora veio em 57...

DS – É.

TF – E quando é que aterraram?

DS – Ah, isso foi em 60 e pouco! Agora não lembro.

TF – Mas vocês pediram pra aterrar? Como é que foi isso?

DS – Não, eles queriam tirar o pessoal de lá pra botar pra cá pra passar o rio por lá, né? Aí eles cortaram o rio. Porque vinha o rio por aqui, lá não tinha rio não, naquela ponte. Aquela ponte foi feita pra o rio passar. Aí botaram o pessoal que ‘tava’ pra cá e fizeram o rio lá, passaram o rio pra lá. Aí veio de lá, direto por lá.

TF – E quando eles traziam o pessoal pra cá? Eles faziam a casa pra o pessoal vir ou...?

DS – Dava o barraco, dava o barraco, fazia o barraco, né? Porque naquele tempo era barraco.

TF – E a senhora tem a escritura, tem um documento que diga que é seu? Não.

DS – Não, não tenho não.

TF – Nunca lhe deram documento.

DS – Ah, tem na Associação. Cada um tem a sua inscrição na Associação, tá? De Morador. Aí cada um...

TF – Mas isso é recente. Essa inscrição.

DS – Não, desde que a gente veio pra aqui que sempre teve Associação. E que inclusive, o meu marido foi presidente da Associação. Quando ele era vivo, né? E... continuou, quando o pessoal mudava pra aqui ou comprava alguma coisa aqui, fazia a inscrição lá na... tem a escritura lá na Associação.

TF – E quando a senhora mudou aqui tinha água, tinha esgoto, tinha o quê?

DS – Tinha água, tinha esgoto, tinha.

TF – Tinha água encanada?

DS – Encanada, sempre teve.

TF – Na torneira.

DS – É. (*chamam*) Oi!

TF – E a... e o esgoto saía aonde? Saía no rio ou saía...?

DS – O esgoto saía no rio. Aí depois quando aterraram, aí eles botaram aquela manilha grande, aí o esgoto ia direto pra aquela manilha. E caía lá naquele rio lá do Jacaré.

TF – Tá. E luz?

DS – Tinha também.

TF – Tinha também. Então desde 57 que a senhora tem isso tudo aqui.

DS – Tem.

TF – Tinha, e era muitos... Quanto... quantas pessoas mais ou menos a senhora imagina que tivesse aqui? Quantas casas...?

DS – Ah, muita gente! Agora tem mais, né? Mas tinha muita gente. Não... Pra falar assim não dá pra falar não porque...

TF – Mas e os quintais, o seu quintal é até ali, era pertinho... aquela vizinha era pertinho daqui? Aquela dali.

DS – Não.

TF – Chegava pertinho assim ou não?

DS – Sempre teve assim.

TF – Sempre teve assim.

DS – É.

TF – Essas ruas pequenas, sempre foi assim?

DS – Sempre foi assim.

TF – E lá no Caju também era assim?

DS – Não, no Caju eu morava na beira da linha. Onde passava o trem. Tinha uma largura, bastante largo.

TF – Como é que a senhora foi pra o Caju? A senhora...

DS – Quando eu vim do Norte, o meu marido trabalhava...

TF – A senhora veio da onde?

DS – Vim do Norte.

TF – Do Norte, de que estado?

DS – De Alagoas. Aí meu marido trabalhava na fábrica de tecido lá no Caju. Aí ele comprou um barraco lá na beira da linha e a gente foi morar lá. Aí de lá é que transferiram a gente pra aqui.

TF – E a senhora veio do Norte por quê?

DS – Ah, ele veio primeiro porque, é aquela história, né, pensando que aqui é melhor do que lá, aí vem, chega aqui termina ficando.

TF – E a senhora se arrependeu de ter vindo?

DS – Sabe que eu nem sei! Eu me arrependi porque fiquei longe da minha família, né? Mas, pra mim, tudo bem.

TF – A senhora tinha quantos anos?

DS – Quando eu vim pra aqui tinha 23 anos.

TF – E ele?

DS – Ele tinha... ele era mais velho do que eu 9 anos. Eu tinha 23 ele tinha 32, né? É.

TF – Mas vocês já eram casados.

DS – Já, casei lá no Norte mesmo. Já tinha uma filha.

TF – Aí veio pra o Caju..., mas como é que a senhora achou o Caju lá no Norte? Como é que ele achou essa casa no Caju? Outras pessoas já tinham vindo...?

DS – Não, lá... lá... não, lá na fábrica mesmo que ele arrumou.

TF – Ah, então ele arrumou na fábrica que era perto da casa de vocês.

DS – Mas antes disso teve uma história.

TF – Então conte.

DS – Que eu morei lá na... em frente a... sabe a Cruzeiro do Sul lá no Caju?

TF – Sei.

DS – Onde fazia... tinha negócio de avião? Eu morava lá em frente, numa cabeça-de-porco. (risos) Não sabe que tem esse negócio de cabeça-de-porco aqui no Rio?

TF – Sei. Conta pra eles que eles não sabem não.

DS – Cabeça-de-porco era uma casa grande com vários quartos, né? Aí cada um tem o seu quarto, separa... cada um separado, né? Aí nós fomos morar ali. Aí a minha filha mais velha ‘tava com 7 anos. Aí eu tinha uma escada, morava no quarto de cima e tinha uma escada, eu botei água... – acho que foi água que eu botei no fogo, não sei o que é que foi – era fogão de álcool, fogareirinho de água.

TF – A senhora pegou fogo na casa.

DS – Ah, minha filha! (*risos*) Aí fui varrer a escada, quando eu vi, a minha vizinha: “Deusdete...Deusdete... aqui fumaça na sua casa!” Quando eu subi já não pude mais entrar. Fiquei só com a roupa do corpo e a minha filha também e ele no trabalho. Graças a Deus, né?! Ah, minha filha, aí acabou com tudo! Bombeiro... bombeiro era ali, pertinho o bombeiro, né? Porque o bombeiro tem ali, no Caju tem bombeiro, um quartel. Mas quando chegou já era tarde. Salvei algumas ‘coisa’. Aí foi quando... ele, o patrão dele lá no trabalho ficou sabendo de tudo, aí falou: “Você procura um lugar pra você comprar...” Lá tudo era barraco mesmo, não tinha casa por ali, só... só pessoas... ali só tinha casa o pessoal empregado da... Arsenal de Guerra. Ainda hoje tem lá o Arsenal de Guerra. Aí ele foi por intermédio de outras ‘pessoa conhecida’, consegui esse barraco lá no Caju. Também era só um quarto, uma cozinha... e banheiro. Aí fiquei lá até vim pra aqui. Em 57 a gente veio pra aqui. Tô aqui até hoje.

TF – E aí depois a senhora construiu uma de cimento. Como é que foi isso?

DS – Ah, aí foi... foi em 90... 91 que eu construí. Comecei, mas ainda não terminei. (*risos*) Até hoje não terminei como tem que ser feito, né? E tô vivendo aqui até o dia que Deus quiser, tô com 74 anos! Agora mais o quê? Agora passou dos 70 a gente só... a gente tá levando a vida, até o dia que Deus quiser.

TF – Então tá ótimo. E me conte aqui, mas quando a senhora veio pra cá é... tinha esses vizinhos que também eram barracos...

DS – Tudo barracos.

TF – E vieram todos do Caju ou vieram de outros lugares?

DS – Ah... não, aqui... quando veio... aqui só veio pessoal do Caju, desse lado. Ali naquele lado de lá, já tinha aquelas casas lá, que naquela época eram as Pioneiras. O pessoal das Pioneiras Sociais tinha feito aquelas... aquelas casas. Mas só morava ali guarda municipal na época. Aí aqui o pessoal foi...

TF – Mas eram barracos também ou eram casas...?

DS – Não, lá era casa mesmo. Porque quando fizeram lá pra eles, antes de a gente ‘vim’ pra aqui, né, já era casa. Eles lá, passava um rio aqui no meio, a gente desse lado. Aí..., mas



depois disso... passou muita gente, o pessoal foi embora daqui, né, venderam. Tem outras pessoas, né? Mas aqui, nessa época, só veio o pessoal lá do Caju mesmo.

TF – E ainda tem muita gente que é dessa época?

DS – Tem muita gente! Aqui, do lado de lá também, em frente à estação, aquela parte de lá também, tudo foi do Caju na época.

TF – E a senhora na época achou bom vir ou não?

DS – É, achei melhor. Porque tinha... lá a gente não tinha água, lá no Caju não tinha água não, lá no Arará. Água a gente pegava lá na bica, numa biquinha que tinha na rua, né? Aí enchia as ‘vasilha’, os ‘latão’ assim, aqueles ‘latão’ de ferro e tampava, pra lavar roupa e pra tudo. Agora, aqui já tinha água, né?

TF – E me diz o seguinte, vocês tinham festas, faziam festas...?

DS – Fazia, antigamente tinha muita coisa boa aqui. Acabou aquilo tudo.

TF – O que é que tinha?

DS – Festa Junina...

TF – Eram vocês que organizavam ou era a Associação...?

DS – Eram os moradores na Associação. Tinha sempre festinha. Ali naquele campo sempre dava festa quando tinha São João, essas coisas assim, sempre tinha festa. Agora acabou tudo.

TF – Acabou tudo por que é que a senhora acha?

DS – Ah, mas porque... eu acho que por causa dessa violência que tem acontecido por aí, as ‘pessoa’ não tem mais gosto de fazer nada, né? Mas era bom aqui.

TF – E aqui está com muita violência?

DS – Não, aqui até que tá calmo, graças a Deus aqui tá calmo.

TF – Tá calmo agora ou não é daqui essa...?

DS – Já teve um tempo pior do que esse. Agora não, que ninguém viu mais tiroteio por aqui... Quase que não tem tiroteio aqui mais. Não, nem escuto mais. Só escuto de lá do lado do Mandela, da Varginha... aí na... ali na Coréia, ali pra lá, sempre acontece isso. Mas aqui dentro mesmo, não tem tido nada disso não.

TF – É. Esses meninos, dessa violência que são traficantes de drogas, essas questões... são meninos que a senhora viu crescer?

DS – Tem muitos que eu vi crescer, muitos já morreram... Ah, daquela época quase que não tem mais ninguém. Que vivia naquela vida não tem mais quase ninguém mais.

TF – Tem muita gente de fora?

DS – Tem muita gente de fora.

TF – Me diz aqui, quando os seus filhos eram pequenos, tinha escola aqui pra eles estudarem?

DS – Tinha, sempre teve. Tinha o Negrão de Lima ali... Oswaldo Cruz...

TF – E eles estudaram?

DS – Estudaram no Imaculada Conceição também... Todos eles, graças a Deus estudaram. Um pe... era melhor... não estudaram mais porque não ‘quis’, né? Tinha, chegou a época que eles ‘abandona’ pra lá, né, sabe como é que é... a gente não pode obrigar. Chega uma época que a gente não pode obrigar. Enquanto é criança a gente obriga “Vai ter que ir, vam’ bora”, a gente leva. Mas aí depois cresce, cada um precisa andar com os pés dele mesmo, né? Graças a Deus ‘tão’ aí.

TF – E me diga o seguinte, e a Fundação, a senhora usa o serviço da Fundação? como é que a senhora vê essa...?

DS – Eu me trato... eu me trato lá. Agora veio até um papel pra minha filha, vai lá fazer um cadastro pra mandar remédio em casa, né? Pra mim sempre foi bom. Sempre cuidei dos meus filhos e... e eu também, sempre me cuidei lá.

TF – E quando a senhora veio pra cá, a Fundação não tinha muro, né? Suas crianças iam pra lá... como é que era essa... história?

DS – Ah, naquela época era tudo aberto. (*risos*) Agora não, tá tudo fechado, mas antigamente não tinha não.

TF – Mas os seus filhos iam brincar lá, os meninos da redondeza?

DS – Brincava, brincava. Naquela época brincava.

TF – Como é que a senhora via esse castelo enorme aqui, do seu lado?

DS – Ah, eu gostava, né?!

TF – Não era estranho não?

DS – Não. Não estranhei não. ...

TF – O que mais que a senhora tem pra contar pra gente? Conta um ‘causo’ aí bem interessante da sua vida, que essa garotada não conhece. ... Hein, Michele, conta os ‘causos’ que a vovó já contou pra você. A Michele falou que a senhora disse que a senhora fundou isso aqui.

DS – É. Vim... era a época, né? Eu fui uma das primeiras moradoras da área, não fui das primeiras, fui das últimas. Porque veio muita gente, primeiro veio o pessoal do lado de lá, depois que vieram, veio a gente pra cá.

TF – Mas foi perto então. Em 50 e pouco... não foi?

DS – É, foi.

TF – E como é que a senhora viu essa comunidade toda em torno, aparecendo... Porque elas vieram depois, algumas comunidades vieram depois...

DS – É...

TF – Como é que a senhora viu isso? A senhora foi apreciando essa... esse acontecimento...?

DS – É... Não, primeiro veio o pessoal daí, desse lado aí. Era casa, era tudo casa lá.

TF – Esse lado aí é das Pioneiras também.

DS – É.

TF – E depois não é mais casa?

DS – Hum?

TF – E não é mais casa ou ainda tem...?

DS – É casa sim.

TF – ...tem casas...

DS – ... Era casa baixinha. Agora são... tem até seis ‘andar’.

TF – É mesmo?!

DS – É.

TF – Tudo das Pioneiras, foram vizinhas.

DS – É. O pessoal depois foi lá... foi ampliando, né?

TF – E as outras comunidades? Lhe incomoda, essas comunidades que estão crescendo aqui em volta?

DS – Não. Não incomoda não.

TF – E olha só, porque aqui perto teve um incêndio, eu lembro que as meninas me contaram, do campinho... A senhora presenciou essa...?

DS – Ah, foi na... foi na... na rua... aqui antigamente era Rua 14. Foi na 12, foi na Rua 13, que teve um incêndio.

TF – E esse pessoal foi pra aonde? Eram amigos seus? Eram pessoas conhecidas?

DS – Eram conhecidos. Mas não deu pra sair daqui não. Foi coisa pouca. O bombeiro veio apagou logo. Não deu pra eles ‘sair’ daí não.

TF – Olhe só, nós temos umas fotos dali. Eu queria ver se a senhora reconhece. ... Se a senhora conhece esse lugar. ... .. A senhora conhece isso? (Inaudível) Não?

DS – Não, não conheço não.

TF – Vamos ver. Esse aqui é muito branquinho, deixa eu pegar uma outra pra senhora... Vamos mostrar aqui pra ela poder... .. Isso era aqui por perto...?

DS – Que eu saiba não.

TF – ...esses galpões? São uns galpões...

DS – Deve ser lá pra o lado da Favelinha.

TF – Onde que é a Favelinha?

DS – Lá do outro lado.

TF – E esse morro, a senhora sabe que morro é esse? ... Que outro lado? O outro lado da linha do trem? Ali onde é o morro do Amorim talvez? é isso?

DS – Não, ali na frente, naquela frente lá. É.

TF – A senhora acha que essa, já havia isso lá. ... O que é que a senhora acha que é?

DS – Eu acho que é pra lá, não é aqui não.

TF – É, mas a senhora lembra de ter visto isso? Não. Isso aqui é a baía...

DS – Não.

TF – E essa ponte? ... .. Aqui diz que essa ponte é do rio Faria e é na Suburbana. Tá em construção. A senhora reconhece?

DS – Rio Faria?

TF – É. Faria-Timbó.

DS – Faria-Timbó é aqui, essa daqui!

TF – Pois é. Mas a senhora reconhece essa ponte? Não.

DS – ...porque aí fizeram a ponte além do... aquela ponte tem uma lá e outra aqui.

TF – Sim. Esta talvez fosse a de lá, não é?

DS – É, talvez essa.

TF – Estava olhando pra Michele. ... E isso aqui, esse muro? A senhora sabe o que é isso? ... São fotos que nós não sabemos o que é! ... Será que pode ser da estrada de ferro? ...

DS – Talvez 'seje', né? ...

TF – Tem aqui umas casas, longe... Era assim quando a senhora veio pra cá? O em torno aqui? tinha algum pedaço que era assim só de mato?

DS – Não.

TF – Já era tudo casa.

DS – Aí já era casa. ...

TF – Vamos ver... Isso aqui já é mais novo, aquela rotatória que tem ali. E isso aqui a senhora reconhece? É a estrada de Petrópolis.

DS – Não.

TF – Essa eu estou achando que é essa estrada de ferro que tem aqui. ... .. Ó, são os barracos, olha aqui a manilha. Essa manilha você diz que é onde, ô, Márcio?

MJ? – É mais à frente.

TF – Essa adutora.

MJ – Na CHP-2, né? ...

TF – Porque a gente tá achando que essas, que esses... essas casas foram construídas, enfim, naquela adutora dali. Não temos certeza. É uma adutora, não sabemos se é exatamente aquela.

DS – Pode ser, né? Mas não é agora não, né?

TF – Não, não, isso é antigo! Isso é antigo. Isso deve ser... não tem data. A gente está imaginando pelas roupas das pessoas, que deva ser década de 50...

FS – Vê se tem a data que eu escrevi atrás...

TF - Você botou 59. Algumas não têm data, outras têm. Talvez a gente consiga identificar pelos contornos dos morros. Hein?

FS – As imagens vêm sem data mesmo...

DS – Aqui não tem morro, né, só lá o Amorim.

TF – Sim, mas morro ao longe. Cristo Redentor... os morros do... tá bem longe esse morro, né? Não é um morro dentro da comunidade. Ó lá... (Inaudível) Não. ... Viu como é que era? A senhora tinha ruas largas assim? Não.

DS – Não.

TF – Já era tudo com...

DS - ...Nunca teve rua larga assim.

TF – ...era tudo rua estreita.

DS – Sempre foi assim. Mais larga é do muro pra cá.

TF – Pois é, nós não sabemos onde é isso. ... Deixa eu ver essa outra... Tá vendo?

DS – Não.

TF – A senhora tem fotos? ... De família, a senhora tem fotos?

DS – Tem muita.

TF – Ah, então a senhora podia mandar pra Michele, hein?! Michele, você podia... vir aqui ver com a sua avó. Nós estamos precisando de fotos. Isso aqui a gente tá achando que é aquela estrada ali.

DS – É, a estrada... é...

TF – A estrada de ferro era assim? Tinha muita árvore em volta? A senhora lembra?

DS – Não. ... Aqui nunca teve árvore assim não.

TF – Era parecido com o que tá agora?

DS – É.

TF – E aquela estação ali já era dessa (Inaudível)

DS – Sempre teve aquela estação. Só que aumentaram ela, melhoraram, né?

TF – Sim. E ela sempre teve esse nome?

DS – Estação Manguinhos.

TF – Me diga o seguinte: e o Amorim? Quando a senhora veio pra cá o Amorim já existia.

DS – Já existia. A minha filha mais velha morou lá muito tempo. ...

TF – Mas a senhora conhecia ele de quando... o Amorim, não é o Amorim, Senhor Amorim, mas o Morro Amorim, quando a senhora veio pra cá, vocês iam pra lá, andavam por lá...?

DS – Sempre andava. Todo mundo...

TF – Então conta como é que era.

DS – Sempre foi calmo lá.

TF – Mas por quê? Tinha algum parente, alguns amigos lá?

DS – Só tinha a minha filha lá. Uma, a minha filha...

TF – Mas a sua filha já era grande.

DS – Já, já foi casada. Mas antes eu ia lá sabe pra fazer o quê?

TF – Diga.

DS – Quando faltava água aqui, porque às vezes faltava, a gente pegava água lá. Sabia? Ia daqui pegar água lá.

TF – E trazia num... nas latas.

DS – É, minha filha.

TF – E como é que era o Morro do Amorim naquela época?

DS – Sempre foi assim.

TF – Quem morava lá? A senhora se lembra, conhecia gente de lá?

DS – Não. ... Conhecia não, quase ninguém lá. Estranho não conhecia ninguém.

TF – E dos outros lugares a senhora conhecia alguém, das outras comunidades?

DS - ... ... Conhecia não.

TF – Tinha os seus amigos aqui dentro.

DS – Aqui tinha. Gente que morava no Caju, né? ... ..

TF – Sim. E aí? Michele, você tem alguma coisa pra perguntar pra vovó? E vocês? Márcio? ... O que você tem pra perguntar mais pra vovó?

MJ – Não sei. Agora assim... Eu achava legal a senhora falar um pouco... A senhora lembra que tinha umas festinhas aqui, umas festinhas que eles chamavam acho que era “Baile do Juvenal”?

DS – É!

MJ – Lembra?

DS – Foi o primeiro presidente da Associação aqui: Juvenal.

TF – Como é que eram as festinhas do Juvenal?

DS – Era... era na Associação mesmo que dava a festinha naquela época.

TF – E como é que eram as festas, vocês dançavam?

DS – É, dançávamos. Tinha aquele negócio de rock, aquelas coisas. Naquela época de rock...

MJ – Show de calouro...



DS – É. Ele também dava show de calouro. O seu Juvenal que tinha microfone, tinha autofalante, tinha tudo.

TF – E como é que era a festa? Conta da festa pra gente. A senhora dançava?

DS – Eu não! (risos) Eu nunca gostei muito da festa, nunca fui de dançar não.

TF – Mas a senhora ia na festa...

DS -Só as crianças. Não, eu assistia. A primeira... a Associação primeiro foi aqui embaixo, aqui nessa rua, era lá na esquina. Daqui eles compraram, venderam... deixaram aqui, fizeram lá na frente. Agora, depois fizeram... Era barraco na época também. Aí depois eles compraram, fizeram... de tijolo, né? Aí hoje... ela foi lá na associação alguma vez?

TF – Eu fui na Associação? Acho que não. Não, não fui não.

DS – É lá na frente, a Associação.

TF – Como é que era a festinha? A senhora não tá contando a festinha pra gente.

DS – Ah, a festinha é... é... era essa garotada, né?!

TF – Mas era de tarde ou era de noite?

DS – Às vezes tinha à tarde, às vezes tinha à noite. ...

TF – Mas a de noite então era pra gente grande.

DS – É. À tarde eles davam a festinha pra as ‘criança’, né? Aí de noite tinha pra os ‘adulto’.

TF – E aqui tinha algum sambista, alguém que compunha música?

DS – Tinha o Timbira.

TF – Então conta, e o Timbira fazia o quê?

DS – Timbira trabalhava lá na... ele sempre foi lá dentro. Ele sempre compôs música. Pra Escola de Samba... (Inaudível) Ele é... ele tá aposentado lá pela Fundação mesmo. Porque ele trabalhava lá, é.

TF – E o Timbira compunha música, mas com música sobre a história da comunidade ou não?

DS – Não.

TF – E vocês gostavam de ouvir a música do Timbira? Ele cantava nessas festas?

DS – Às vezes ele cantava.

TF – E quem mais que tinha que fazia música? Tinha mais alguém?

DS – Que eu saiba não.

TF – E tinha... que mais? Tinha jogo de futebol?

DS – Sempre teve. Até hoje tem! Ali naquela... tem ali naquele canto dali, aliás tem dois campos ali. E tem um lá atrás.

TF – E era... o pessoal se organizava em grupos de rua? Como é que era a história?

DS – É, até hoje eles se organizam, tem futebol.

TF – O que mais que eles fazem? Que a senhora saiba assim que tem uma história da comunidade? ...

DS – Agora no momento não tô lembrando não.

TF – E a senhora gosta de morar aqui?

DS – Eu gosto! Sempre morei aqui, né?! E mesmo que a gente não gostasse, tinha de gostar mesmo, né?

TF – E quando a senhora veio pra cá tinha comércio perto? Como é que era essa...?

DS – Não, era tudo no Jacarezinho.

TF – Vocês tinham que ir lá no Jacarezinho.

DS – É.

TF – Não tinha pão, não tinha nada.

DS – Não. E nas ‘tendinha’ tinha pão. Sempre teve. Vinha de lá de fora pra vender aqui dentro, né? ... Agora que tem padaria aqui. Aqui, tem uma lá e tem outra lá na frente.

TF – E farmácia, essas coisas? Farmácias...

DS – Farmácia só tinha uma. Só tinha uma farmácia. Agora não, tem mais. Mas naquela época só tinha uma.

TF – Aí vocês iam no Jacaré de quê? De ônibus ou iam a pé?

DS – A pé! Daqui pra lá não é longe não, é perto.

TF – E emprego? Como é que era emprego pra essas pessoas? As pessoas trabalhavam onde?

DS – Ah, trabalhavam... quando vieram pra aqui já trabalhavam, né? E continuaram trabalhando, né?

TF – Mas era na fábrica do Caju ou em outros lugares?

DS – Em outros lugares. Meu marido trabalhou lá no Caju. Agora, tem muita gente que trabalhou em outras coisas, né?

TF – Tinha muita gente que trabalhava na Fundação?

DS – Tinha. Sempre teve. ...

TF – A senhora falou que sua filha trabalhou lá.

DS – A minha filha fez o cu... curso de auxiliar de enfermagem, ela estudava lá em Jacarepaguá. O ônibus levava ela todo dia e trazia. Ia de manhã, voltava de tarde.

TF – Que ônibus que levava?

DS – Lá da Fundação mesmo. Da Fundação.

TF – Ela já era funcionária e fez o curso de Enfermagem lá. É isso?

DS – É. Não, ela não era funcionária não. Na época ela fez inscrição pra fazer o curso. Eles mesmo ‘levava’ e trazia.

TF – Mas aí depois do curso ela foi contratada?

DS – Foi. 30 anos ela trabalhou lá.

TF – Aonde? No posto de saúde ou no hospital?

DS – No posto de saúde, aqui embaixo. Aí...

TF – Como é o nome dela?

DS – Gildete Soares Silva. ...

TF – Ela já aposentou?

DS – Aposentou. Quando ela completou 30 anos se aposentou do trabalho.

TF – E teve outro filho seu que trabalhou na Fundação? ... .. A senhora tem quantos filhos?

DS – Agora tenho oito. (*ruído*)

TF – Já teve mais?

DS - Morreram dois. Morreu... tem um que morreu há pouco tempo. A Ma... Ela morreu com 48 anos. E outro, teve um que morreu com 25 anos também.

TF – E teve mais algum que trabalhou na Fundação?

DS – Não.

TF – Só ela. ... .. Então tá. Tá bom?

MJ – Eu só queria perguntar como é que é a questão de transporte aqui, quando a senhora veio pra cá.

DS – Ah, transporte é o que mais não tem, né? Tem Maria Fumaça naquela época. (*risos*) Era Maria Fumaça. E tinha, sempre teve o 350 aí, nessa linha daí.

TF – Sempre teve desde quando?

DS – Muitos anos!

TF – Quando a senhora veio já tinha...?

DS – Já, já tinha já.

MJ – A senhora pegou a época do bonde aqui...?

DS – Eu peguei.

MJ – O bonde, a senhora lembra onde era?

DS – Lembro. Era lá na... na... na Democráticos que passava o bonde.

MJ – Ele ia pra aonde? Ia pra o Centro? Não.

DS – Ia pra Cidade, é.

MJ – E a senhora andava de bonde?

DS – Andei muito. (*risos*) Naquela época andei muito de bonde. Era o bonde mais o trem.

TF – E a senhora ia pra aonde de bonde?

DS – Pra Cidade!

TF – Pra Cidade passear.

DS – Não, ia fazer compra. Por aqui não... quase... quase não ia na Penha. Só ia na Cidade comprar alguma coisa.

TF – A senhora trabalhava?

DS – Não, nunca trabalhei não. Trabalhei lá no Norte. Saí do trabalho, eu comecei a trabalhar com 15 anos lá na fábrica de tecido. Ele também trabalhava lá. Aí ele resolveu ‘vim’ pra aqui, veio primeiro, depois eu vim. ... ..

TF – Mas o transporte dava conta? Só o bonde e esse 350?

DS – E o trem, né?

TF – E trem.

DS – É.

TF – Era satisfatório pra o deslocamento de vocês?

DS – Dava... sempre fui... ia pra Praça da Bandeira tratar do meu primo mais velho, que ele tinha negócio de asma, bronquite, quero dizer,...

TF – Ia de trem.

DS – Ia de trem, é. Saltava ali no Barão de Mauá, ia ali no posto que tinha na Praça da Bandeira, né?

TF – Eu sei, eu sei onde é. Não tinha, não tinha o posto de saúde da Fiocruz nessa época.

DS – Não, naquela época não tinha não.

TF – De quando era o posto? A senhora se recorda? ... ..

DS – O posto... não sei se foi em 60 e pouco... Agora eu não tô lembrada não. ...

TF – Aí quando criaram o posto a senhora nunca mais foi lá na Praça da Bandeira...

DS – Não.

TF – Passou a usar aqui.

DS – É, passei a usar aqui.

TF – E quando a senhora precisa de hospital, a senhora vai aonde?

DS – Hospital? Eu sempre vou no... Salgado Filho, Del Castilho... Quase não vai nesse hospital aí de Bonsucesso não, vou mais pra lá.

TF – Por quê?

DS – Sei lá, eu não gosto muito de ir aí não! ... Também me tratei muito tempo ali na... Marechal Rondon. Me tratei muito tempo ali, porque eu tive negócio de derrame... tem 20 e poucos anos que eu tive derrame, né? Aí me tratei muito tempo lá no Marechal Rondon.

TF – Como é que chega lá?

DS – Passa ônibus aqui. O... 600... – Ah, meu Deus do céu!... – Tem tempo que eu não vou pra aquele lado.

TF – Tá, mas passa aonde?

DS – Passa aqui, na Democráticos.

TF – Na Democráticos.

DS – É... vai direto lá, passa lá. ...

MJ – Agora, tinha um hospital aqui, ali na...

DS – Ah, tinha o... o...! Ah, meu Deus do céu!

MJ – Aqui mesmo perto da Fundação ali, um prédio ali...

TF – Torres Homem.

DS – Era tuberculoso. É, Torres Homem, é. Era tuberculoso. Aquele hospital só tratava de gente que tivesse negócio no pulmão, é. Na época.

TF – Depois ele veio, acabou e ficou no esqueleto.

DS – Desativou e não... não fizeram mais nada, até hoje.

TF – Ia muita gente daqui pra lá?

DS – Não, só quando ‘tava doente, né?! É. Às vezes quando tinha enchente aqui o pessoal ia pra lá pra... lá pra... porque era mais alto, ficava lá na frente no hospital, né?

TF – E a senhora já sofreu enchente aqui?

DS – Sofri muito.

TF – Como é que foi? Que enchentes a senhora pegou aqui? De que... Muitas?

DS – Ah, muitas! Muitas enchentes. A primeira foi em... depois que eu vim pra aqui, foi em 50 e pouco. Foi em 58, eu peguei logo uma enchente. Daí pra cá sempre teve enchente.

TF – E a sua casa era alta, não era?

DS – Era. O barraco era alto, mas dava até 2 metros de altura! A água aqui era braba mesmo! Até 2 metros de altura já deu aqui. Até depois que eu fiz a casa mesmo, de tijolo, entrou água aqui.

TF – Como é que foi essa? Destruiu tudo seu, ou não.

DS – Não, não chegou... agora da última vez não. Agora, antes, quando era barraco, destruía, perdia tudo. Depois tinha de comprar de novo, né?

TF – E foram muitas enchentes? Quantas enchentes a senhora teve aqui?

DS – Ah, ‘foi’ muitas! Sabe quando parou de dar enchente? Quando eles arrumaram aquela ponte. Porque eles fizeram a ponte errada. O engenheiro que fez aquilo ali era um burro, pior do que esses pedreiros que tem por aqui. Porque se eles fizessem como fizeram da última vez, não tinha dado tanta enchente aqui.

TF – Por que é que era a ponte que estava errada? A ponte passa por cima!

DS – Não, mas a água, a altura... eles fizeram a ponte...

TF – ...muita baixa.

DS – ...muito baixa, é. E cheia de... – como é que chama? – de... de coluna.

### **Fita 1 - Lado B**

TF – E essa enchente, quando vinha essa enchente, algumas pessoas saíram daqui por causa da enchente?

DS – Muita gente saiu, né? Quem pôde sair, saiu, né?! E teve...

TF – A enchente destruía os barracos?

DS – Não, destruía os barracos não. Os barracos ficavam no lugar. Agora, destruía o que a pessoa tinha, destruía mesmo.

TF – E aí essa ponte nova foi construída quando? ...

DS – Essa ponte foi construída...

TF – Ficou... teve muitas enchentes até o governo fazer a ponte?

DS – É, isso aí foi há poucos anos que eles consertaram ela! Aí parou de dá enchente. Aí nunca mais teve enchente, graças a Deus!

TF – Essa última enchente foi quando? Foi antes da ponte então. A última enchente que foi nessa casa já de cimento.

DS – É. Foi antes da ponte. ... Eu fiz aqui... levantei isso antes de 91, né?! ... E depois...

TF – Quando a senhora veio pra cá a senhora tinha, o esgoto já era... já tinha cano?

DS – Já.

TF – Então não ficava na rua.

DS – Não. Nunca teve esgoto na rua não.

TF – E lá fora era de barro? O chão lá fora era de quê?

DS – Era barro.

TF – Era barro.

DS – É. Mas tinha manilha... a manilha lá perto no... no Manilhão.

TF – Aí jogava no rio.

DS – É, de lá caía no rio. ... Aliás, caía numa manilha grande e caía lá embaixo, naquele rio lá.

TF – Me diz o seguinte, a gente tem aqui do ladinho, a Refinaria de Manguinhos. Isso incomoda vocês?



DS – Não. Às vezes, agora não tenho sentido mais não. Antigamente dava... vinha muito mau cheiro, mas agora não tem acontecido mais isso não. Não sei o que eles melhoraram aí no negócio, não sei.

TF – E tinha gente doente por causa desse cheiro?

DS – Não. Que eu saiba não.

TF – De pele, de pulmão...?

DS – Não, nunca soube não.

TF – Nunca teve isso não? E o lixo? O lixo é recolhido? Como é que é o lixo aqui?

DS – Antigamente jogava no rio, o pessoal jogava tudo no rio mesmo, não tinha... Agora não, agora... vem até demais: vem duas vezes no dia. Vem de manhã e à tarde.

TF – Mas passa assim na rua?

DS – Ali, passa ali, ó. Vem de manhã...

TF – Mas aí você tem de levar seu lixinho lá...

DS – É, ali na frente, é. Não, tem de manhã... passa o pessoal... o... os... garis comunitários, eles ‘passa’ com a... com um negócio carregando na fossa, né, e passa o outro...

TF – O que é gari comunitário?

DS – Eles trabalham aqui, que trabalha pra Associação.

TF – Ah, então a Associação tem um serviço de coleta!

DS – Tem sim.

TF – Não é da Comlurb.

DS – É da Comlurb! É da Comlurb.

TF – Então é da Comlurb vinculado à Associação. É isso que tá dizendo?

DS – É, é isso. (Inaudível)

TF – Aí eles passam na casa...

DS – Passam na porta.

TF – Ham. E aí jogam na caçamba. É isso?

DS – É. Recolhe, leva lá pra fora, pra o caminhão levar. E tem uma carrocinha que passa mais tarde. Aí é que... mandam deixar na porta pra ele levar, aí bota lá na esquina que eles levam. De manhã...

TF – Fica tudo limpinho.

DS – ...de manhã e de tarde. Até dia de domingo eles trabalham. Agora tá assim, graças a Deus. Aqui negócio de lixo, ninguém pode reclamar de nada.

TF – Isso foi num convênio da Comlurb com a Associação, não é isso?

DS – É.

TF – Isso tem pra todas as associações?

DS – Tem! Aqui na outra... na... naquela de lá, na outra de lá. Todas... todo mundo tem. ...

TF – Então tá. Podemos terminar? ... Tá bom?

MJ? – Tá ótimo! (*pausa na gravação*)

TF – Então conta aqui pra gente, vovó, que a Michele falou que a senhora tinha uma outra casa e que tinha um comércio.

DS – É. Tinha uma tendinha com um comércio. Meu marido, quando saiu do trabalho, aí ele comprou aquele barraco lá na frente, logo lá na frente, perto do rio. Aí abriu um comércio. Ficamos lá até... pouco tempo.

TF – Que comércio era?

DS – Era, vendia tudo. Vendia bebida, vendia cereais... arroz, feijão, açúcar... tudo. Tinha tudo na época.

TF – Ele comprou de quem? Quando a senhora fala “comprou”, comprou como?

DS – Comprou do rapaz que foi embora e vendeu, né?!

TF – Já era uma vendinha?

DS – Não. Ele é que abriu a vendinha. Era barraco mesmo.

TF – E a senhora trabalhava com ele?

DS – Ajudava ele na época.

TF – Mas aí a senhora terminou, vocês terminaram com o barraco, com a vendinha quando?

DS – Depois que ele morreu, a gente terminou.

TF – Nenhum filho trabalhava com vocês.

DS – Não. Eles trabalhavam fora na época, né? Que a gente ‘tava lá.

TF – Mas ele abriu a vendinha quando ele aposentou do trabalho...?

DS – Não, antes, quando saiu do trabalho dele. Quando ele foi mandado embora lá, na época.

TF – Mas ele tinha aposentadoria?

DS – Ele aposentou antes de morrer, né? (*ruídos*)

?? – Desculpa, desculpa! (*risos*)... tomando conta aqui.

TF – O que mais? E essa vendinha, esse barraco ainda existe?

DS – Não, caiu.

TF – Caiu de quê?

DS – Caiu porque era muito velho! Muito velho, caiu.

TF – Mas ele construiu nada no lugar?

DS – Não, na época não.

TF – E tem alguém morando lá agora?

DS – A moça que comprou o terreno, eu acho que fez uma casa lá.

TF – Então a senhora vendeu o terreno?

DS – É, vendi o terreno.

TF – Depois que a casa caiu. A casa caiu de velha. ... Era de madeira?

DS – É, de madeira.

TF – Mas era dessas que o estado fez quando vocês vieram morar aqui?

DS – Era... era da época do Estado.

TF – Que o Caju fez. Que vocês vieram do Caju, essa casa também era do Caju.

DS – É. Era sim.

TF – E tem alguma casa, de barraco, dessa época?

DS – Tem!

TF – Por aqui?

DS – Não, dessa época não tem. Porque hoje... botaram, fizeram assim... é... essas... como é? Esses ‘negócio’ de trem, linha de trem, né, dormente...

TF – ...dormente.

DS – ...aí suspenderam... botaram do mesmo modo que fizeram casa em cima.

TF – Onde tem isso?

DS – Ah, lá na frente! Você sabe onde é. Ela sabe onde é.

TF – Tá. Mas era dessa época? Isso é que eu não estou entendendo. Ainda tem barraco, mas é esse barraco de dormente. É isso?

DS – É.

TF – Então era depois.

DS – Bem depois. Foi feito depois. O pessoal que morava naquele barraco baixinho, aí suspenderam, desmancharam o barraco, fizeram a outra parte em cima, né?

FS – Essas casas já vinham completas ou vinham, vinha só um quarto, dois quartos...? Como é que era?

DS – Era dois quartos... na época era dois quartos, sala e cozinha.

TF – E tinha banheiro direitinho?

DS – Tinha... não, sem banheiro. O pessoal que fazia depois, né?

FS – Toda telhada, direitinha...?

DS – Era telhado.

TF – Mas sem banheiro?!

DS – Sem banheiro. Agora, tinha quintal, né, tinha lugar pra fazer.

TF – Era pra fazer o banheiro lá fora.

DS – Hum, hum.

TF – E vocês faziam o banheiro lá fora ou aqui dentro?

DS – Fazia. Era lá fora porque pra fazer banheiro de madeira dentro de casa... de madeira, não dá, né? Aí fazia lá fora que era melhor.

TF – E tinha quintal, a senhora tinha árvore?

DS – Tinha. Tinha água, sempre tive água.

TF – Não, árvore.

DS – Árvore? Na época não. Não, nunca... aqui mesmo, nunca teve árvore mesmo não.

TF – Mas não tinha quintal? A senhora não plantava árvore porque não gostava?

DS – Não. Nunca plantei não.

TF – E as pessoas plantavam árvore?

DS – Tinha... ali embaixo tinha uma moça que até hoje tem uma mangueira.

TF – Que ela plantou quando veio pra cá?

DD – É.

TF – E tinha mais gente que plantava árvore?

DS – Por aqui não.

TF – Quando tinha um espacinho, crescia casa. É isso?

DS – É.

TF – Por isso que não tinha árvore?

DS – É verdade. ....

TF – Certo. O que mais? Vamos lembrando!

DS – Agora não dá pra lembrar não. É tanta coisa!

TF – Então.

DS – Tantos anos que a gente esquece, né?

TF – É? Não tem um ‘causo’ pra contar pra gente? Um ‘causo’ bom, um ‘causo’ ruim? ‘Causo’ bom é melhor.

DS – Não. ... ..

TF – E os aniversários? Vocês comemoravam os aniversários das crianças?

DS – Comemorava.

TF – Como é que era a festa?

DS – É, festinha comum, em casa mesmo, ué!

TF – E aí o pessoal todo vinha?

DS – Verdade.

TF – Era bom?

DS – Era.

TF – Eles tinham muitos amiguinhos aqui na comunidade?

DS – Tinha.

TF – E eles brincavam aonde aqui? Tem pracinha?

DS – Não. Ia brincar naquele campinho ali. Eles brincavam lá no campinho.

TF – Jogavam futebol.

DS – É.

FS – Os filhos da senhora, todos eles moram aqui na comunidade também.

DS – ‘Mora’. A que ‘teve’ aqui mora lá na frente. O outro mora ali na outra... na terceira rua que vai pra lá; o outro mora lá naquele lado de lá. ... ..

TF – Então vamos. Obrigada à senhora, foi muito bom.

\*Essa fita não foi gravada integralmente (aproximadamente 40 minutos)